

# *Oitocentos*

*Arte Brasileira do Império à República*

*Tomo 2*

ARTHUR VALLE

CAMILA FAZZI

(ORG.)



2010

**Realização da Publicação**

UFRRJ  
CEFET-Nova Friburgo

**Organização**

Arthur Valle  
Camila Dazzi

**Projeto Gráfico**

Camila Dazzi  
dzaine.net

**Editoração**

dzaine.net

**Editoras**

EDUR-UFRRJ  
DezenoveVinte

**Correio eletrônico**

dezenovevinte@yahoo.com.br

**Meio eletrônico**

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no *II Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX*. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião ou a concordância dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo 2. / Organização Arthur Valle, Camila Dazzi. - Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010.

1 v.

ISBN 978-85-85720-95-7


1. Artes Visuais no Brasil. 2. Século XIX. 3. História da Arte. I. Valle, Arthur. II. Dazzi, Camila. III. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. IV. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Unidade Descentralizada de Nova Friburgo. V. Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX.

CDD 709

ISBN 978-85-85720-95-7




---



## Djalma da Fonseca Hermes: um colecionador de arte brasileira

Maria Helena da Fonseca Hermes\*



Djalma da Fonseca Hermes [Figura 1] era meu tio avô paterno, filho do secretário geral do Governo Provisório e sobrinho do Marechal Hermes da Fonseca. Nasceu em Juiz de Fora em 1884 e veio para o Rio de Janeiro em 1891, aos cinco anos com o pai, João Severiano, secretário geral do governo provisório e constituinte de 1981. Estudou no Colégio Pedro II, onde se bacharelou. Trabalhou na Casa da Moeda como escriturário até 1910. Casou-se com *Jeanne Loria Fizzel*, francesa, em julho de 1911, com quem permaneceu casado durante 66 anos, sem filhos. Em 1911 foi transferido para o exterior e morou em Londres, trabalhando na Delegacia do Tesouro por mais de três anos. Retornou ao Brasil para substituir o pai como Tabelião no 9º Cartório de Ofícios da Rua do Rosário, onde trabalhou por quarenta anos. Faleceu no Rio de Janeiro em janeiro de 1978, com 94 anos.

Para tratar do colecionador e da coleção recorreu-se a duas cartas escritas por João Hermes Pereira de Araújo, Embaixador e sobrinho de Djalma, os textos constantes nos catálogos dos leilões de 1941 e de 1977, um artigo de Mendes Gonzales de 1977 no *Jornal do Commercio* e a documentação do processo de tombamento da coleção, no arquivo do IPHAN. Para o mobiliário, fichamentos das peças no acervo técnico do museu Nacional de Belas Artes - MHN além de um livro.<sup>1</sup>

Porque Djalma nos interessa e seu leilão foi importante? Como colecionador de objetos de arte, Djalma nos interessa pelo seu gosto, cristalizado nas peças que se interessou por adquirir, manter e conservar, característica de formação de uma coleção.

Segundo declaração do próprio, na entrevista concedida em 1977 ao *Jornal do Commercio*, “A minha primeira coleção, iniciada quando eu era rapazinho sem recursos, foi feita com o fundo unicamente histórico, tudo quanto à nossa história pertenceu ou a ela dizia respeito, eu procurei angariar. De 1900 a 1941, consegui reunir em minha residência moveis, bronzes, porcelanas,

---

\* Doutoranda PPGAV EBA UFRJ

<sup>1</sup> CANTI, Tilde. *O Moveel Brasileiro*. Origens, evolução e características. Lisboa: Fundação Ricardo de Espírito Santo Silva / Editora Agir. 1999.

documentos, pinturas gravuras e tudo o mais que tivesse sentido em relação com a nossa história”.

Porque suas escolhas nos interessam? Djalma priorizou reunir e colecionar peças brasileiras ou relativas à nossa história, traçando uma trajetória no sentido inverso do movimento corriqueiro praticado até então, de valorização, procura e aquisição de objetos e peças de arte do estrangeiro para o Brasil, como era comum nas famílias abastadas que traziam mobiliário, objetos, obras de arte, pintura, gravura, escultura da Europa para uso familiar no Brasil.

Pensar que o colecionador entende sua coleção maior do apenas a reunião de objetos, acolhendo outros conteúdos e significados que não apenas aqueles dos objetos em si em sua parte visível é instigante, e nos leva a pensar o que representam os objetos para os colecionadores. Desta maneira, se relacionam com eles (os objetos) de formas diferentes, diversos motivos, inspirações, gosto, critério e como mediação simbólica. No caso de Djalma, talvez a hipótese se desenvolva na constatação de observar sua trajetória discreta e burocrática ancorada na cultura e erudição como um diferencial que lhe garantiu preeminência e reconhecimento, inclusive familiar, uma vez que não optou pela carreira militar. Essa hipótese é afirmada pelo amigo quando da dispersão de seu último grande leilão: “Não se dedicando à carreira das armas, determinismo de sua ilustre família, consagrando-se a colecionar, ele dirigiu, com um ideal magnífico, a sua paixão pelos objetos brasileiros, [...]. Djalma Fonseca Hermes fixava o seu interesse nas coisas brasileiras.”<sup>2</sup>

Seu leilão foi importante pela qualidade “(valia), variedade, senso patriótico e tradicional.”<sup>3</sup> A dispersão no leilão de 1941 permitiu significativo incremento dos acervos do Museu Histórico Nacional, Museu Imperial e a Galeria do Palácio Laranjeiras, por determinação do governo.

Sabemos que, em 1941 a exposição no *High Life* foi visitada por Getúlio Vargas e teve Djalma como guia do presidente nas explicações e detalhes sobre as peças. A visita foi acompanhada pelo sobrinho João Hermes<sup>4</sup>, Rodrigo Mello Franco de Andrade, diretor do SPHAN e os diretores dos Museus Histórico Nacional, Imperial de Petrópolis e de Belas Artes. Getúlio determinou a compra direta das peças consideradas de interesse nacional, como os *Franz Post*, *Taunays* e outros lotes, a serem escolhidos numa lista definida pelos diretores dos Museus para serem adquiridos diretamente pelo Governo, “em bloco”, conforme consta no processo nº 270-T-SPHAN-41.

Por conta da importância das peças, Rodrigo Mello Franco de Andrade determinou “o tombamento a que se refere o artigo 4º 3º do Decreto-lei citado [ 25/37], da coleção de obras de arte que vos pertencem, relacionadas no catálogo anexo.”, notificação nº 472 de 15 de julho de

---

<sup>2</sup> BRITTO, Chermont. Perfil de um grande colecionador. Abertura. **Catálogo do Leilão da Primavera**, leiloeiro Ernani. Palácio dos Leilões. Rio de Janeiro, 1997. (grifo nosso)

<sup>3</sup> TAUNAY, Affonso de E. Carta a Djalma. São Paulo, 30 de abril de 1941

<sup>4</sup> ARAUJO, João Hermes Pereira de. Os 90 anos de um colecionador, carta a Djalma da F. Hermes, p.8.

1941. Porém, o processo acima referenciado permaneceu como “sobrestado” isto é, inconcluso, e arquivado até 1999, sem consignar o tombamento da coleção de arte. Essa medida, solicitando o tombamento, se revelou apenas preventiva, pois na documentação que tramitou no processo 58 anos depois de sua abertura é revelado “Isso se compreende tendo em vista a linha de ação institucional, de se adotar a medida do tombamento de bens moveis como uma forma de proteção de itens que se encontravam ameaçados de destruição ou dispersão”<sup>5</sup>.

Por conta de terem sido cedidos para compra, sem leilão, para serem as diferentes coleções de museus públicos nacionais não se considerou mais necessário o tombamento, nem daquelas peças nem das demais do leilão, porque as escolhidas como de interesse nacional já haviam sido incorporadas aos acervos do Museu Imperial, Histórico Nacional e de Belas Artes. Então, o catálogo do leilão de Djalma da Fonseca Hermes [**Figura 2**], tido por muitos como integralmente tombado pelo IPHAN, “medida que bem evidencia o caráter excepcional atribuído às coleções que se iam dispersar”<sup>6</sup>, teve seu tombamento solicitado preventivamente pelo Estado, para que este pudesse agir e adquirir as peças por um valor fixo.

Como estamos tratando de escolhas, inclusive as de Djalma no seu tempo, registramos que foram resgatadas as seleções de peças para os acervos dos museus, com 271 lotes para o Museu Imperial, 166 lotes para o Museu Histórico Nacional e 17 lotes para a Galeria do Palácio das Laranjeiras (atualmente no MNBA), segundo as anotações encontradas no processo de tombamento do SPHAN.<sup>7</sup> No caso do Museu Imperial Djalma afirma em 1977<sup>8</sup>, que as peças foram adquiridas pelo governo para que se efetivasse a abertura do Museu na casa de veraneio do Imperador em Petrópolis. Então, sabedores que objetos de coleção situam-se além do seu valor como mercadorias, do fetiche ou valor econômico, convidamos a um breve mergulho no mundo muito particular dos colecionadores de objetos de arte. Sabe-se que mais, tarde, por ocasião da dispersão de peças de outro leilão de Djalma, teriam sido adquiridas peças para o Museu Castro Maya no Rio de Janeiro<sup>9</sup>, evidenciando e realçando a importância da trajetória colecionista de Djalma durante toda a sua vida.

Se pensarmos ser a coleção o produto de um comportamento *sui generis*, e os objetos colecionados um status especial de repositório de signos que, no entendimento do colecionador, se referem a coisas outras, além da experiência visual do observador a eles como objetos, talvez

---

<sup>5</sup> ADLER, Homero Fonseca de Castro. MEMO DEPROT/RJ No 278/99. Parecer de arquivamento do processo 270-Y-41, Coleção de obras de arte pertencentes ao Dr. Djalma da Fonseca Hermes. Rio de Janeiro 28 abril de 1999.

<sup>6</sup> ARAUJO, op. cit., p. 8

<sup>7</sup> Segundo anotações feitas a lápis na cópia do catálogo constante do Processo nº 270 –T – SPHAN

<sup>8</sup> GONZALES, Mendes. Djalma da Fonseca Hermes: o colecionador. **Jornal do Commercio**. 13/14 novembro de 1977. p. 25 FBN, 2009.

<sup>9</sup> RESENDE, Clarice Campelo de. O Fim de uma Coleção. **Arte hoje**. Ano 1 nº 7 Janeiro de 1978. Rio de Janeiro: Rio

possamos pensar nos colecionadores como pessoas que carregam uma espécie de orgulho contido pelo que conseguem amealhar <sup>10</sup> ou, segundo palavras do próprio Djalma, conquistar.

É um caminho de construção da afirmação do valor do nacional que confirma a predileção de Djalma e seu interesse pela “busca sistemática, atenta, de coisas brasileiras, em suas andanças” e viagens pela Europa e consigna seu “nacionalismo bem compreendido, que não hesitou nunca em desdenhar as cópias de móveis franceses então em moda, em favor dos nosso velhos jacarandás”<sup>11</sup>. Trate-se a questão sob a ótica carregada de referências simbólicas ou não, Djalma observa a história como um Brasil maior, além das questões nacionalistas construídas na primeira República, focando a nação com especial e distinguido orgulho patriótico.

No momento em que quase todos se voltam para a cidade-capital para trazer a ela do exterior o que na Europa era moda, Djalma trabalha em silêncio no sentido inverso, a garimpar o que era brasileiro no exterior para incorporar à sua coleção carioca.

Apesar da importância das peças do leilão e a aquisição direta, por determinação de Getúlio, de 404 lotes como peças de interesse nacional, não foram encontradas muitas declarações ou manchetes na imprensa, na época, sobre o leilão.

No catálogo, além das cartas de Djalma e de Taunay, há outro texto, da apresentação da coleção pelo leiloeiro, ressaltando e valorizando os lotes, com especial destaque para a galeria de pinturas e os *Post* valorizando as pinturas de paisagem como “documento”, com destaque para os *Taunay* e os *Debret* além de: Pedro Américo, Almeida Júnior, Victor Meirelles, Batista da Costa, Parreiras, Pedro Alexandrino, Rodolfo Amoedo, Facchinetti, H. Bernardelli, Rosalvo Ribeiro, Décio Villares. O leiloeiro descreve sucintamente os livros e o mobiliário em jacarandá, sobre o qual comenta: “mesas que recordam a graça das anquinhas [...] as cadeiras venerandas de velhos conselheiros e sinhás-donas envelhecidas no manejo de bilros e tachos de doces tradicionais.”

Segundo o Dr. João Hermes, a decoração dos salões do *High Life* foi objeto de meticuloso estudo do casal Djalma, que se preocupou em arrumar os espaços distribuindo o mobiliário e peças sobre papel milimetrado segundo a disposição dos objetos no casarão do colecionador, demonstrando sua vontade perfeccionista em reproduzir, na exposição do leilão, condições particulares sob as temáticas de cada uma das oito partes que compunham o leilão. “Impressionante o resultado de todo esse organizado trabalho de decoração: um dos grandes salões acolhia com

---

> Gráfica e Editora.p. 28-34.

<sup>10</sup> POMIAN, Krzysztof. *Collectioneurs, amateurs et curieux*. Paris, Venise: XVIe XVIIIe siècle. Paris: Gallimard, 1987. Apud TRIBBY, Jay. *MLN*, vol 3, n° 05. *Comparative Literature*, Dec., 1988 p. 1298-1201. Jonh Hopkins University Press. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2905223> Acesso em: 07/07/2008 às 14:51h, tradução nossa

<sup>11</sup> ARAUJO, op. cit., p. 2

extraordinária harmonia as peças históricas ou ligadas à nossa História, o outro, ampla galeria, a pinacoteca, os móveis a prataria.“<sup>12</sup>, como pretendemos mostrar a seguir. Essa hipótese reafirma o valor da coleção para Djalma e o peso da dispersão, situação delicada e merecedora de toda sua atenção, pois é certo que ele se desfazia não apenas de peças e objetos de muita valia, mas do ambiente construído e de uma parte de sua vida ao longo de mais de vinte anos, paixões e conquistas. Esse sentimento de perda na dispersão é bem definido por nosso colecionador numa entrevista ao final de sua vida, já com mais de 93 anos de idade, quando do seu último leilão em 1977: “Para mim não tem preço, pois um valor é o venal e outro, o espiritual. Não foi fácil, depois de tantos anos reunindo objetos, pratarias e óleos, desfazer-me deles. Isso porque eles ficaram, de certa forma, fazendo parte da minha vida.”<sup>13</sup>

Assim, não é sem razão que A. Taunay lhe escreve em 1941: “Para um homem de seu temperamento e suas afinidades o afastamento de um ambiente magnífico como aquele que soube criar, trará certamente uma saudade enorme e penosa”.<sup>14</sup> [Figura 3]

Organizados segundo uma disposição muito singular, a composição dos ambientes nos auxilia a imaginar um cenário para o Djalma colecionador, suas escolhas e sua organização, método e persistência:

*[...] uma cômoda D José ou D Maria que lhe completava a série que evidenciava a evolução de nosso mobiliário; era um Victor Meirelles, um Pedro Américo ou um Visconti que a seu ver, bem caracterizavam uma etapa de nossa evolução artística, era uma porcelana ou cristal da Casa Imperial que recordavam, com o Império, uma época gloriosa de nossa História, era um castiçal ou uma salva de nossos bons prateiros de antanho.*<sup>15</sup>

Pretendemos apresentar nesse trabalho o mobiliário de Djalma adquirido para o museu Histórico nacional. Esta escolha se deu porque o algumas peças de mobiliário estão fotografadas no catálogo de 1941 com razoável legibilidade, o que nos possibilitou reencontrar a maior parte destas peças no acervo técnico do MHN e também constam de publicação especializada sobre mobiliário, com descrições mais detalhadas que as do próprio leiloeiro. A escolha pelo mobiliário também se deu por serem mais raros, nas artes plásticas, trabalhos sobre o tema. Estes tipos de objetos de arte dificilmente ficam disponíveis à fruição pública, restringindo-se ao mundo particular dos colecionadores, ainda mais em se tratando de mobiliário de uso civil e familiar, não religioso, como

---

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*, p.8.

<sup>13</sup> RESENDE, Clarice Campelo de. O Fim de uma Coleção. **Arte hoje**. Ano 1 n° 7 Janeiro de 1978. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora. p. 34

<sup>14</sup> TAUNAY, Affonso de E. Carta a Djalma. São Paulo, 30 de abril de 1941.

<sup>15</sup> ARAUJO, *op.cit.*, p. 2-3.

devem ter sido para Djalma as inúmeras peças do casarão na Tijuca, parte do mobiliário de seu uso, inclusive o leito do casal.

Assim, apresentamos o mobiliário que foi possível reconhecer no acervo a partir das imagens do mesmo, do catálogo do leilão e da publicação mencionada, iniciando com os tipos encontrados e seus usos:

- Mesas de encostar:

Composição decorativa do ambiente, sob quadros e gravuras

Guarda de pequenos objetos de uso nas gavetas

- Vitrines e cristaleiras [**Figura 4**]:

Composição decorativa do ambiente,

Exposição de pequenos objetos de valor

- Comodas e papeleira:

Composição decorativa e de uso doméstico para guarda de objetos, roupas, material de escritório

- Mesa de centro

Uso para apoio de objetos, louça, refeições e reuniões

- Espelhos, oratórios...

- Mobiliário de descanso [**Figura 5**]

Leito, preguiceiro, catre, banco, mocho, cadeira, cadeira de braços e outras variantes, sofás, cadeiral

Outra questão interessante é a escolha da disposição e da organização dos objetos do leilão nas salas do *High Life*, onde ficaram expostas como observamos nas imagens da **Figura 4**, **Figura 5** e **Figura 6**, obedecendo à decoração e composição de ambientes, segundo o catálogo.

Assim, sabedores da dissolução de conjuntos, como foi o caso dos lotes 478 mesa de jantar [**Figura 7**] com 2.50 x 1.20m e 47 e das “12 cadeiras de jacarandá, alto espaldar, esculpturadas estilo D João V forradas de couro pra salão de jantar” onde as cadeiras foram leiloadas e apenas a mesa adquirida para o MHN, nos damos conta de significados como reunião e dispersão, exibição das peças dos colecionadores, dos museus, antiquários e casas de leilão, da formação de séries e de sequências, dos ordenamentos e da disposição dos objetos nos espaços públicos e privados. Imaginamos então, quanto deve ter sido penoso, para Djalma, como para qualquer outro colecionador, partir e retalhar as suas escolhas reunidas após tanto empenho, tempo e recursos, pois se trata não mais e apenas dos objetos em si, mas de se desvincular da questão subjetiva e intangível



da trajetória e resultado na consecução da coleção. As imagens dos espaços que contém o mobiliário do leilão nos auxiliam nesta reflexão, segundo a **Figura 4**, **Figura 5**, **Figura 7**, **Figura 9** e **Figura 10**.

As peças de mobiliário classificadas como de descanso, de guarda ou de uso adquiridas para os museus cariocas, em especial para o Museu Histórico Nacional se destacam pela sua importância como objetos carregados de significação histórica. Destacamos, neste sentido, uma cadeira em jacarandá [**Figura 8**], uma cadeira com braços em forma de patas de animal e uma cadeira de costura, dentre os de descanso, além de um catre/preguiçeiro com cabeceira móvel e detalhes muito bem trabalhados e torneados, com oito apoios nos pés [**Figura 5**]. Faz-se necessário comentar, a respeito da pouca importância ou da dificuldade da época, nas fotografias das peças, já que o apoio do preguiçeiro, que estaria em primeiro plano revelando exatamente o tipo escolhido de pata, característico de determinado estilo ou período foi suprimido na imagem do catálogo.

Além dos exemplos citados relacionamos o leito de casal em estilo d. José, com muita ornamentação e vazados em sua cabeceira que teria pertencido ao Barão de Capanema [**Figura 9**], uma mesa de centro com pés em bolachas [**Figura 10**], cuja descrição de 1941 apresenta como *Magestosa* e antiga mesa de jacarandá, com bolachas e 4 gavetas para centro” uma importante cômoda D Maria, toda marchetada em madeira e osso [**Figura 11**] e uma cômoda miniatura sobre esta, ambas no Museu Histórico Nacional MHN, além de outras peças tais como papelerias, mesas de encostar, cadeiras, espelho, arca, oratório e peças menores.

Poderíamos ainda destacar, da coleção Djalma da Fonseca Hermes, inúmeras peças adquiridas para o Museu Histórico Nacional, como os gessos das figuras do pedestal do monumento a D. Pedro I, compradas por Djalma em Paris no Museu do Trocadèro que ele comenta, desgostoso, ter tido que pagar altas taxas aduaneiras para sua liberação no porto do Rio de Janeiro. Executadas pelo atelier de Rochet e Rodin e representando os quatro rios nacionais em alegorias de indígenas e animais de nossa fauna uma das peças se quebrou, quando da embalagem para a viagem transatlântica, restando apenas as seguintes: Rio Paraná, Rio S Francisco e Rio Uruguai executadas para a base do monumento a Pedro I. Tidas, segundo o catálogo, como de grande importância, o que atestam os inúmeros estudos acadêmicos que têm sido feitos para tal monumento, suas fotografias constam na abertura das páginas dedicadas às imagens, descritas como em terracota.

Embora as aquisições de Djalma não tenham se restringido aos objetos brasileiros, foram estes e os objetos relacionados à nossa História que atraíram irresistivelmente a sua atenção<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Idem, *ibidem*, p.2.

Seguimos revelando outros gostos e escolhas do Djalma colecionador - um homem alto, espadado, educado e elegante, de gravata borboleta colorida, com pequeninos olhos observadores e astutos. A informação de seu sobrinho e também colecionador, o embaixador João Hermes, precisa, por exemplo, que os sete Franz Post disponibilizados por Djalma no leilão de 1941 teriam sido adquiridos em Paris na década de 30, informação confirmada no catálogo *raisonée* publicado recentemente com a obra de F. Post, embora nada conste sobre terem tais obras pertencido ao colecionador Djalma nas legendas do Museu Nacional de Belas Artes, ao menos quando da exposição sobre Post em 2009. Este esquecimento teria certamente desapontado nosso colecionador pois, teria sido pó intermédio de Djalma, segundo o Embaixador João Hermes<sup>17</sup>, o retorno ao Brasil da única tela de *Franz Post* na época pertencente ao Museu da Escola de Belas Artes, que havia sido oferecida ao Governo brasileiro pela Rainha dos Países Baixos por ocasião do Centenário da Independência em 1922, e daqui roubada algum tempo depois, intitulada Paisagem de Várzea, óleo sobre madeira, 39 x 57,5cm. <sup>18</sup> .

O leilão foi dividido por temas, dentre eles o das Lithografias coloridas que perfazem um total de 36 lotes e merecem especial comentário por algumas razões: em primeiro lugar por fazerem a abertura do leilão e do diferencial apontado no título - serem coloridas, (há uma nota no lote 8 – Ponta Tamandaré, explicitando ser aquela não colorida), e se constituir numa coletânea composta integralmente por peças referentes ao Brasil e mais especificamente ao Rio de Janeiro, por autores estrangeiros. Não surpreende, portanto, que todas as 36 gravuras tenham sido relacionadas no bloco adquirido pelo Governo para o Museu Histórico. Nas descrições dos lotes há o nome da litografia e em quase todos os casos também seu autor e não há referências às dimensões das gravuras, o estado de conservação das mesmas, nem a procedência. Os temas e motivos são variados, revelando uma esmagadora maioria de paisagens e vistas do Rio de Janeiro, tais como: Entrada da Bahia do Rio de Janeiro - *Sabatier*, N. S. da Boa Viagem - *Arago*, Vista do Rio de Janeiro tomada da ilha das Cobras - sem autoria, Corcovado visto da casa do Cônsul da Inglaterra - *Richebois*, Vista do Aqueduto e parte da cidade, Rio - *Arago*, além de outros títulos que revelam temas como as ruas, vendedores ambulantes, grupos de negros, marinhas, fontes, etc. Não podemos afirmar se estas litografias são parte da “[...] coleção de mais de setenta gravuras sobre assuntos nacionais, das quais nem uma só foi obtida em nosso paiz!” mencionada por Djalma na carta que Djalma responde a A. Taunay, mas supomos que sim devido à descrição e ao interesse despertados para adquirir todo o conjunto.

---

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*, p.3

<sup>18</sup> LAGO, Pedro & Bia Corrêa. **Frans Post {1612-1680}**. Catalogue Raisonné. Brasil: Capivara Editora, 2007. p.179, tradução nossa.

Há, além destas, outras gravuras espalhadas ao longo dos demais temas do leilão, em especial o que trata dos objetos históricos, mas esse é um assunto a ser comentado em outro momento.

Os temas mais presentes na coleção de pinturas e desenhos são as paisagens, os retratos e as pinturas de inspiração religiosa ou tema sacro, o que de certa forma confirma as expectativas e as previsões de críticos sobre as exposições dos salões de pintura franceses<sup>19</sup> no início do séc. XIX, ao realçar os retratos e as paisagens como os temas da preferência da época.

As paisagens e marinhas totalizaram 116 lotes do leilão. Outro tema do agrado do colecionador são os retratos. Mas não apenas aqueles de autoridades e membros da família real portuguesa ou do Império. Seu foco está nos auto-retratos e retratos que os pintores faziam de seus colegas e amigos. Assim, é surpreendente a galeria dos maiores pintores brasileiros na coleção, donde podemos listar 21 retratos dos artistas, ilustrando a importância que Djalma dava aos artistas brasileiros, com especial destaque para os professores e alunos da Escola Nacional e Belas Artes, pois é certo que nosso colecionador, nas inúmeras viagens que fez à Europa, esteve em contato com artistas inovadores europeus e suas obras, porém não as escolheu para si.

### **Considerações finais**

Sobre Djalma e suas coleções encontramos elogios da época reiterando a trajetória do apaixonado pelos objetos de arte brasileiros e seu esforço para que “...voltassem ao Brasil as mais belas peças das artes plásticas brasileiras espalhadas nos antiquários da Europa. E também para que não saíssem do nosso país as nossas coisas de valor histórico e artístico.”<sup>20</sup> Mas, embora sendo um expoente patriótico, ligado à tradição e à cultura, com uma trajetória muito singular e relevante para as artes plásticas brasileiras, em especial sintonia e demonstrando grande afinidade e sintonia com as escolhas perpetradas pela Escola de Belas Artes, Djalma da Fonseca Hermes permanece um desconhecido. Não há outros textos sobre sua coleção ou a seu respeito como colecionador, nem referências em trabalhos acadêmicos ou artigos em meio eletrônico.

E foi exatamente esse desconhecimento sobre o ilustre e inusitado personagem, um privilegiado homem do seu tempo, aliado à minha especial condição e possibilidade pessoal de acesso aos documentos de família e ao catálogo de 1941, o estímulo para revelar seu *coleccionismo* e apresentar essa abordagem.

---

<sup>19</sup> LEMAIRE, Gerard-Georges. **Histoire du Salon de peinture**. Paris: Ed. Klincksieck, 2004. p. 46-47, tradução nossa.

<sup>20</sup> BRITTO, Chermont. O Palácio dos Leilões. Apresentação. **Catálogo Leilão da Primavera 77**. Rio de Janeiro; Palácio dos Leilões, 1977.

Considerado por seus pares um dos grandes colecionadores cariocas de sua época, foi contemporâneo e concorrente de cavalheiros de renome e um apaixonado pelas artes como outros colecionadores lendários precedentes. Seu interesse nas artes plásticas brasileiras e nos objetos relacionados à nossa História o levou a formar coleção talvez mais homogênea que outras coleções particulares contemporâneas por conta da sua clareza, persistência, empenho e organização como colecionador de pratarias, louças, objetos, mobiliário, pintura e desenhos.

Após a dispersão da coleção em 1941, Djalma refez várias outras, com especial destaque para a filatelia, objetos de prata sacra e profana, pintura e mobiliário brasileiro. Não sabemos precisar quais objetos históricos teriam provocado sua imaginação como a motivação do início da coleção de objetos de arte, mas sem dúvida se relacionam com seu forte envolvimento emocional e familiar com as questões brasileiras e a história do Brasil, presente na sua formação pessoal.

Assim, muitas das peças “tão lindas e tão amadas”, segundo a versão do próprio Djalma hoje dispostas nos museus foram, sem que o saibamos, o resultado de iniciativas pessoais e da concretização de caminhos que nos levam a observar esse particular universo de outro modo, como que para reinventar, como nos conta Djalma: “o amor à beleza, o gosto do objeto raro, a preocupação de que as coisas ligadas à história das artes plásticas brasileiras ficassem no Brasil enriquecendo o patrimônio nacional. E isso, mercê de Deus, o consegui.”<sup>21</sup>

## **Agradecimentos**

Ilmo. Sr. Embaixador Dr. João Hermes Pereira de Araujo

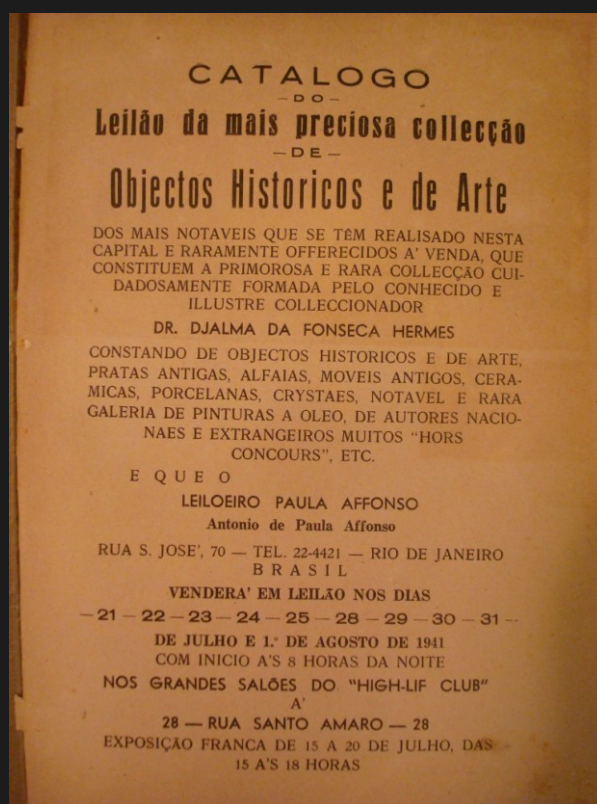
Sr. Jorge Cordeiro, orientador da reserva técnica MHN

---

<sup>21</sup> HERMES, Djalma da Fonseca. Duas Palavras. Abertura. **Catálogo Leilão da Primavera 77**. Leiloeiro Ernani. Rio de Janeiro: Novembro, 1977.



**Figura 1 - D'ALINCOURT:** *Djalma da Fonseca Hermes*, 1952.  
Acervo da família.  
Foto: Maria Helena da Fonseca Hermes, 2010.



**Figura 2 - Folha de rosto do catálogo do Leilão de 1941.**  
Acervo da família.  
Foto: Maria Helena da Fonseca Hermes, 2010.

Prezado e illustre amigo Dr. Djalma da Fonseca Hermes.

Recebi sua carta e as photographias que muito agradeço. A noticia da proxima venda da sua galeria e outras colleções deixou-me desolado. Vae se dispersar o que foi feito com tanto bom gosto, competencia, amor ás peças adquiridas, senso patriótico e tradicional! que pena! Desapparece a unica, talvez, grande colleção particular, hoje existente em nosso paiz, capaz de entrar em confronto com as do estrangeiro, pela valia, a variedade, a abundancia, colleção escolhida meditadamente, e não adquirida aos lotes a peso de contos de réis.

Não occorrerá a intervenção salvadora de alguns dos nossos governos para a sua aquisição em bloco? Tenho esperanças de que tal se dê.

Quanto ganharia a nossa pinacotheca, por exemplo, ao receber reforço de tamanho valor, como o que representa o seu acervo, com os seus magnificos Post, a serie avultada das telas dos maiores mestres nacionaes, a não menos consideravel dos artistas estrangeiros cujos nomes figuram, e com o maior destaque, na historia da Arte no Brasil e ainda a contribuição decorrente da presença de quadros de alguns dos maiores pintores do Universo!

O meu prezado amigo não pode queixar-se da sobrecarga dos annos quando esta ainda lhe anda tão afastada. Um momento de desanimo o levou a esta resolução--perdoe-me a franqueza!

Para um homem de seu temperamento e suas affinidades o afastamento de um ambiente magnifico como aquelle que soube criar, trará certamente uma saudade enorme e penosa. Mas é impertinencia de minha parte estar a lhe fazer estas observações ociosas.

Queira desculpar m'as e leval-as á conta da minha admiração pela sua obra de reunidor de tanta e tanta cousa bella.

Meus respeitos a sua Exma. Sra.  
 Creia-me seu amg°. admr. e aff°.

Affonso de E. Taunay.

São Paulo--30 de Abril de 1941

Figura 3 - Carta de A. Taunay a Djalma, consta da abertura do catálogo do Leilão.  
 Foto: Maria Helena da Fonseca Hermes, 2010.



Figura 4 - Cristaleira lote 581. MHN reg 2996,000. Catálogo, 1941.  
 Foto: Maria Helena da Fonseca Hermes, 2010.



**Figura 5** - Catre, lote 402. Preguiceiro, MHN. Catálogo, 1941.  
Foto: Maria Helena da Fonseca Hermes, 2010.



**Figura 6** - Salão do High life.  
Fonte: *Jornal do Commercio*, novembro de 1977. FBN, 2010

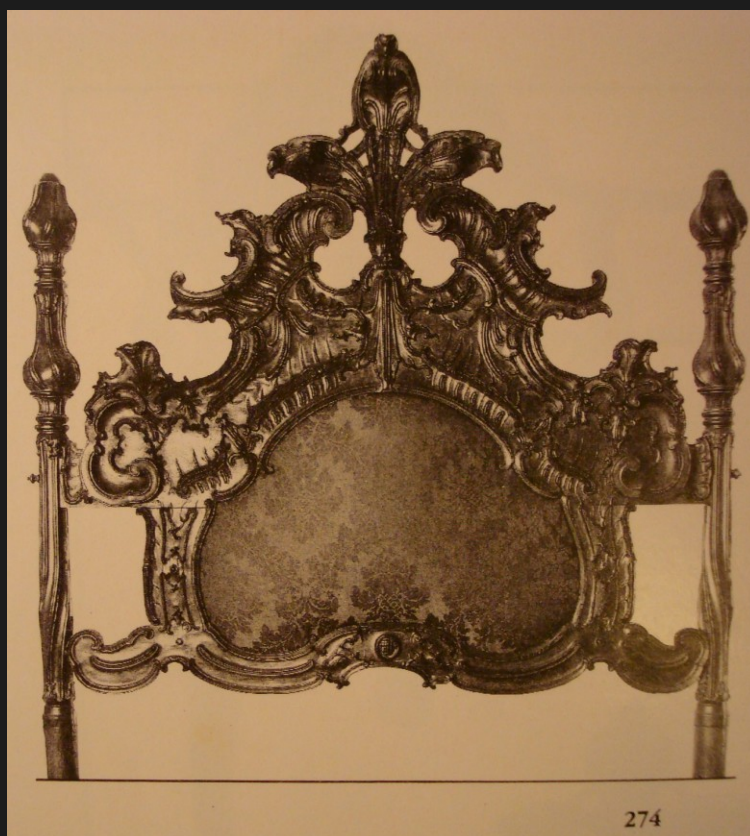


Figura 7 - Mesa de Jantar, lote 478. MHN reg. 2987,000. Catálogo, 1941.  
Foto: Maria Helena da Fonseca Hermes, 2010.



Figura 8 - Cadeira em jacarandá claro, lote 193. Catálogo, 1941.  
Foto: Maria Helena da Fonseca Hermes, 2010.





**Figura 9** - Leito em jacarandá, lote 259. MHN reg. 754,000. Catálogo, 1941.  
Foto: Maria Helena da Fonseca Hermes, 2010.



**Figura 10** - Mesa de centro, de uso com pés de bolachas, lote 200. Catálogo, 1941.  
Foto: Maria Helena da Fonseca Hermes, 2010.



**Figura 11** - Comoda com embutidos de marfim, lote 274. MHN. Catálogo, 1941.  
Foto: Maria Helena da Fonseca Hermes, 2010.